ANO 4.º—N.º 208. Guimarãis, 27 de Janeiro - 1936. O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO. Número avulso 50 ctvs.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e impressão: Tip. Minerva Vimaranense

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISTO PELA CENSURA

Pró-Monumento

aos Mortos da Grande Guerra

A Brigada do Minho. A condecoração da sua Bandeira e dos seus quatro Batalhões pelos seus altos feitos em 12 de Março e 9 de Abril de 1918.

Em vésperas da HORA DA REDENÇÃO

Recapitulemos, embora ao de leve, o que, mais ou menos, já está disperso por vários números do «Notícias», para melhor se compreender o motivo do presente artigo, qual é o de focar a tardança na justiça feita ao Batalhão de Infantaria n.º 20. E' sabido que a *Brigada do Minho* serviu, primeiro, na 1.ª Divisão e, depois, na 2.ª e, em ambas elas, se portou sempre de maneira a merecer as mais elogiosas referências. Os seus quatro batalhões eram constituídos por infantaria n.º 3 (1.º), por infantaria n.º 8 (2.º), por infantaria n.º 29 (3.º) e por infantaria n.º 20 (4.º). Da situação que cada um dos seus batalhões ocupava no dia 9 de Abril de 1918, como da sua acção nessa memorável e inexquecível batalha, também os leitores têm conhecimento. Do galardão concedido à sua Bandeira, como a cada um dos seus batalhadores, igualmente se publicaram os decretos que, a cada um, diziam respeito. Parece, conseqüentemente, que tudo está dito e que o presente artigo não vem a propósito, por falta de matéria nova. O leitor atento e com espírito de observação, embora não muito profunda, terá, por certo, descortinado o que vamos referir. Haverá outros, porém, sobretudo aqueles a quem *estas coisas* não interessam, que não tenham dado pela demora da justiça feita ao batalhão de infantaria n.º 20, sem focarmos, por agora, a injustiça que ainda está soprando no que respeita ao monumento dos seus queridos mortos, há dezassete longos anos.

Já demos conta aos leitores das recompensas concedidas à Bandeira da *Brigada do Minho* e aos seus *quatro batalhões*, a saber; a medalha de *Valor Militar* aos batalhões de infantaria n.os 3 e 29, por decreto de 15 de Novembro de 1919, inserto na *Ordem do Exército* n.º 25 (2.ª série) de 22 do mesmo mês; a *Cruz de Guerra de 1.ª classe* aos batalhões de infantaria n.º 8 e 20, respectivamente, por decreto de 3 de Julho de 1920, inserto na *Ordem do Exército* n.º 10 (2.ª série) de 10 do mesmo mês (Infantaria n.º 8) e decreto de 7 de Abril de 1923, inserto na *Ordem do Exército* n.º 7 (2.ª série) de 21 do mesmo mês (Infantaria n.º 20) bem como à Bandeira da Brigada do Minho, por decreto da mesma data, inserto na mesma *Ordem do Exército*.

O decreto de 7 de Abril de 1923, referente à Bandeira da *Brigado do Minho*, difere, apenas, do publicado no *Notícias*, anteriormente, em não incluír como unidades da Brigada a 4.ª B. M. L. e as tropas que com ela cooperaram, como o 4.º G. M., 6.º G. B. A. e 4.ª B. M. M., não sendo, por isso, necessário transcrevê-los. Porém, o decreto que se refere ao batalhão de Infantaria n.º 20, o de 7 de Abril de 1923 («Ordem do Exército» n.º 7 de 21 do mesmo mês) e que os leitores ainda não conhecem, merece a pena transcrevê-lo.

Ei-lo: — «Atendendo aos brilhantes feitos praticados nos campos de batalha, em França, pelo batalhão de Infantaria n.º 20 e tendo em atenção a coragem e bravura com que repeliu o inimigo no combate de 12 de Março de 1919: hei por bem decretar, sob proposta do Ministro da Guerra, que o referido batalhão, que constitue o quarto batalhão da *Brigada do Minho*, seja condecorado com a **Cruz de Guerra de 1.ª classe**, como recompensa dos serviços relevantes que prestou, concorrendo de maneira notável para o bom nome do Exército português, sendo-lhe aplicável o disposto nos artigos 41.º e 42.º do decreto n.º 8.357, de 25 de Agôsto de 1922».

Ora o decreto constante da *Ordem do Exército* n.º 7 (2.ª série) de 20 de Abril de 1926, já publicado no *Notícias*, é tal qual o que vem de ser transcrito, apenas com o *encaixe* das palavras: **e ainda pela sua acção em 9 de Abril do mesmo ano.** Salvo o devido respeito, isto quere dizer que **a acção do batalhão de Infantaria n.º 20, em 9 de Abril**, carece de recompensa, visto que a **Cruz de Guerra de 1.ª classe**, a que se reporta o decreto de 1926, já êle a possuía, desde 1923, ***pelos brilhantes feitos praticados nos campos de batalha em França, no combate de 12 de Março de 1918***.

* * *

Parece que sôbre o bravo batalhão do 20 pairou sempre uma má estrêla; vejamos: os batalhões de Infantaria n.º 3 e 29 (o 1.º e o 3.º da Brigada) foram condecorados em 1919; o batalhão de Infantaria n.º 8 (o 2.º) em 1920; o batalhão de Infantaria n.º 20 (o 4.º), em 1923, *só pelo combate de 12 Março*, porque a sua acção no 9 de Abril, só foi reconhecida em 1926, oito anos depois da guerra terminada, sem lhe ser alterada a condecoração — **Cruz de Guerra de 1.ª classe** — que já possuía há três anos!

Há-de haver muito quem estranhe que, dezassete anos depois de terminada a Grande Guerra, ainda se gaste tinta com o assunto. E' que essas criaturas ignoram que a história da Grande Guerra só muito tarde poderá completar-se; há mesmo episódios que nunca chegarão a desvendar-se porque morreram com quem os praticou, sem deixar quaisquer vestígios para a sua identificação. A história do *batalhão de Infantaria n.º 20*, porém, parece estar, mais ou menos esclarecida na *Batalha do Lys* e na *Brigada do Minho na Flandres*, dos Ex.mos General Gomes da Costa e do Coronel Mardel Ferreira, bem como nos artigos do Capitão Montenegro Carneiro, seu comandante e, ainda, no desalinhavado trabalho que, há três anos, vimos oferecendo aos leitores do «Notícias», em prol do monumento dos mortos da Grande Guerra. A homenagem a prestar e pela qual temos pugnado com fé ardente desvelado carinho, a-pesar-da má vontade e da indiferença de muitos, não é um favor mas, antes, um indeclinável dever de gratidão para com aqueles que deram a vida pela Pátria. O que Guimarãis vier a gastar com o monumento, cem contos que fôsse, será uma gota de água neste oceano de egoísmos e paixões mal refreadas, em relação às vidas que se perderam para sossêgo dos nossos lares e para a integridade do nosso património imperial. Mãos à obra! Monumento em pé! Lavemo-nos todos desta baixeza que há dezassete anos nos sufoca a garganta, dilacera a alma e oprime o coração!

* * *

A demora do resgate era incompreensível. Há mais de um ano que se votou a verba de trinta mil escudos para o monumento e, nem ao menos, se lançou a primeira pedra!

E', então, que o paladino defensor dos interêsses da vetusta Guimarãis, corajosa e intemeratamente e, ao mesmo tempo, com galhardia e desassombro, mete ombros à filantrópica emprêsa, arrostando com pesadas responsabilidades que o não amedrontram nem dissuadem.

Foi no «Notícias» que a campanha mais directa e intensamente se ventilou e alimentou, durante mais de três anos, fulgurando nas suas páginas artigos de vultos proeminentes de combatentes, com os peitos espelhantes das mais elevadas condecorações. Essa grata circunstância impunha-lhe, honrosamente, responsabilidades de alto relêvo, responsabilidades que êle líquidou com o gesto filantrópico que assumiu. Mais uma vez êle honrou essa divisa que, altiva e donairosa, drapeja no seu estandarte: — *por Guimarãis! pela nossa terra!* E' a a hora da Redenção que se avizinha! E' a hora do Resgate que se aproxima! Amaina, conseqüentemente, a cota da responsabilidade que me cabia por haver trazido, para as colunas do «Notícias», essa pléiade de nomes ilustres que, como camaradas e amigos, me deram o seu valioso auxílio, bem servindo uma terra estranha e aos quais o «Notícias» acaba de agradecer com o seu gesto cheio de nobreza, elegância moral e inconfundível civismo, bem próprio duma terra possuídora do honroso título de bêrço augusto e sacrossanto da nossa bendita nacionalidade.

Ilustre director e prezado amigo: — o seu gesto, nascido dum momento feliz, vale mais de que os meus modestos artigos de três anos e pico. Ao seu gesto, ao auxílio dos meus prezados camaradas e amigos, como a dois poetas vimaranenses e ao concurso do meu ilustre camarada Capitão Duarte Fraga, se deve o monumento bendito da hora da Redenção que se avizinha, como da hora do Resgate que se aproxima.

Guimarãis está de parabéns e o «Notícias» alicerçado para resistir aos embates das mais violentas tempestades, porque prestou à sua terra, como à Nação, um serviço que nenhum outro, porque a todos excede, suplantando-os: a glorificação dos que pela Pátria deram o seu esfôrço e dos que por Ela souberam dar a vida!

Se o «Notícias» não tivesse, ainda, assegurada a sua existência, êste alto e incomparável serviço, só por si, bastaria para lhe manter íntegro o lugar de relêvo e de destaque que acaba de conquistar pelo seu próprio esfôrço, arrôjo e coragem, resultantes da sua fé inquebrantável em bem servir a terra-máter de Guimarãis!

Caminhamos, assim, para a vitória, sem termos pisado ninguem; caminhamos calmos e serenos, sem termos atropelado quem quer que seja. Vencemos, porque tínhamos de vencer. Agora, mais que nunca, o «Notícias» dará aos seus leitores a prosa encantadora e comovente de hóspedes ilustres, que os poetas vimaranenses acompanharão, como lhes cumpre, num comovente inter-câmbio em prol do monumento, prazer espiritual imenso para as almas que procuram divinizar-se, enaltecendo a memória dos Heróis, tentando desentranhá-las do esquecimento em que andavam, para as aureolar como é justo e como merecem.

Lisboa, Janeiro de 1936.

Manuel de Guimarãis.

No aniversário de José de Pina

Prof. José de Pina

José de Pina merece e há-de ter a homenagem de consagração ao seu labor e de muito reconhecimento que Guimarãis lhe deve. Entretanto, são poucas tôdas as ocasiões para lhe manifestarmos nossa simpatia admiradora e grata. Inteligência marcadamente útil, engenho complexo e admirável, bondade profunda e estimuladora, êle é, em cada um dos seus actos, o mestre e o amigo. Reúne, em grau invulgar, estas duas qualidades supremas — ensina pelo trabalho e pelo coração. A sua inteligência é feita de sentimento, como o seu sentimento é feito de inteligência. Homens assim são verdadeiramente notáveis. Não passam, ficam. Além de que, entre nós, êle ficará pelas obras com que dotou a nossa terra e pelo amor supremo que inalteràvelmente lhe votou.

Eduardo d'Almeida.

Considerações à margem...

Quando da exposição da primeira *maquette* do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, levada a efeito na Sociedade Martins Sarmento por ocasião da sessão solene do 1.º de Dezembro, um descontentamento geral se manifestou abertamente. E como êsse descontentamento fôsse tomando vulto fora do vulgar, mesmo nas camadas populares que também sabem vêr e *sentir*, os entusiastas pró-monumento de gratidão aos filhos de Guimarãis mortos em defesa da Pátria, arrefeceram diante duma coisa que a opinião pública havia condenado desde a primeira hora. Disse-se, mas sem razão, que a *maquette* foi encomendada pela ilustre Comissão Administrativa da Câmara Municipal quando é certo, e se afirma, que foi encomendada mas pelo sr. A. L. de Carvalho, que faz actualmente parte da mesma Comissão Administrativa. Talvez por isso mesmo é que se estabeleceu esta confusão infeliz que ia comprometendo a honra dos demais membros da Câmara. Sendo assim, como por tôda a cidade se diz, vá a culpa do êrro cometido a quem toca. Mais se diz e se afirma que o seu autor fêz uma *coisa* para não custar mais do que a verba cedida pela Câmara, ou sejam trinta mil escudos (30.000$00), pois o senhor Director da Escola Industrial não iria fazer uma *maquette* para um monumento de importância superior àquela.

Não sabemos nem podemos adivinhar os intuitos que levaram o sr. A.L. de Carvalho em andar tão depressa, mandando executar uma *maquette* que, ao que corre, a Câmara não teve inteiro conhecimento mas que teve de pagar, portanto, indo longe de mais nas atribuições que lhe estão conferidas, indispondo e aborrecendo até o sr. Presidente.

Acentuando-se cada vez mais, todos os dias e a tôda a hora, a corrente desfavoràvelmente aberta para que fôsse erigido o monumento cuja *maquette* caiu desde logo no desagrado vimaranense, por pobrezinha de-mais, não se negando, porém, valor artístico ao seu autor, capaz de fazer mais e melhor, *malgré* os epítetos inconvenientes que tem dirigido aos vimaranenses. Disse sua ex.ª que se cingiu ao preço, não podendo ir àlém daquilo que lhe disseram para fazer!

Está certo.

Argumenta-se, porém, que o sr. António de Azevedo podia ter sido mais feliz mesmo dentro da verba destinada pela Câmara. Não sucedeu, porém, assim; e estamos certos que se sua ex.ª adivinhasse a sorte que estava reservada ao seu trabalho, sem dúvida que a sua *maquette* teria causado melhor impressão, porque lhe teria dado maior beleza e expressão se não tivesse sido confiada à *pericia* de qualquer estucador, ainda mesmo que de Rio Tinto.

Não o condenamos, nem é nosso pensamento deprimi-lo no seu talento, nem no seu génio artístico.

*

Todavia, o que se está passando à volta dum caso importante como é o de prestar condigna e eterna homenagem ao valor, galhardia e esfôrço dos que para sempre tombaram nos campos ensangüentados da França, magôa profundamente o nosso brio, e o maior culpado dêste agitar de opiniões que se chocam e se sentem é única e simplesmente o sr. A. L., de quem o povo vai dizendo e sentenciando que onde sua ex.ª se meter dá sempre motivo a larguíssimas *considerações* seguidas de *propostas* inúteis, sem alcance prático, portanto, para a sua e nossa terra, que, à fôrça da sua eterna teimosia, a está prejudicando consciente ou inconscientemente. E esta sua teimosia é tanto maior quanto para lamentar, porquanto sua ex.ª ao saber que o antigo presidente do nosso Município, sr. Capitão Duarte Fraga, havia exposto uma *maquette* destinada ao mesmo fim, moveu-lhe guerra de morte, a-pesar-de **saber** que ela *caiu bem* na opinião geral.

Está o sr. A. L. remando contra a maré alta vimaranense, o que só revela declínio de bom senso de visão intelectual e... popular.

E' um mau sintoma êste que sua ex.ª precisa curar.

Afonso França.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a nossa 4.ª página.

A maquette "Por um Portugal Maior,,

Esse grupo invulgar, com arte modelado,
Gerado em alma lusa, em peito de soldado,

Que pôde, em expressão tão nobre e singular,
Glorificar assim heróis de terra e mar,

E' um grito de vitória, um preito de louvor,
Um gesto de carinho. Um ósculo de amor

Nesta ditosa Pátria nossa muito amada
E um viva a Portugal, de heróis terra sagrada.

Bem haja quem levanta a raça portuguesa
Criando uma tal obra de arte e de beleza.

Um combatente da Grande Guerra.

ARALDOLIRA

E' êste o pseudónimo dum ilustre oficial do exército, alta patente, tam alta como a sua modestia e que, tendo passado parte da sua vida a administrar justiça, vem, gostosamente, prestar justiça aos bravos soldados do 20, como à terra que os viu partir, quer para a África quer para a França. Mais um valor em defêsa de Guimarãis e do Monumento. O «Notícias» agradece reconhecido a prestante colaboração de tam distinto oficial, gentileza penhorante, que nos encoraja para a alta missão a que nos propusemos.

Cartão de cumprimento

O «Notícias de Guimarãis» concorda em que «uma das riquezas mais apreciáveis *querdarmos* dos nossos maiores foi a língua (salvo seja, a língua) que falamos».

Como concorda em que há motivos de atracção, a que poderia, melhor falando, chamar motivos de atraco, capazes de tornar o reflexo do folclorismo local em homília, sem rebrilho de lentejoulas e ouropeis, da alcateia n.º 4 que tem a «formatura no próximo domingo, será ás 7 3|4 horas, para se assistir à Santa Missa, uniformizados».

E' assim que se defende a riqueza mais apreciável da língua. E' certo, que nada querendo induzir ao «envés da verdade dos factos», nós logo expostos à condenação da grei, cujo bêrço duvidamos tenha registo civil, estamos em querer que duas ressurreições, com Fé e Esperança, se operaram (perdão, se o operar melindra o casto ouvido dos *leigos)*, duas ressurreições: — a de Calino e a de Calixto.

Calino, imortal pela asneira, Calixto eternamente imortal pela pesporrência do verbo vazio.

Ora agora se com Calino e com Calixto, ó *manes* imortais da terra de Guimarãis, isto não vai, meninos, nunca mais vai.

Cada um dêles é de arromba; os dois juntos num só, é completo! — como nos carros que não podem levar mais lotação.

A' margem andamos da vida, e já perdemos a aposta da nossa honestidade vingar contra qualquer afronta: mas ainda não aprendemos o vício de começar em menino a falar da honestidade alheia.

Aínda a Comissão de Estética...

Meio mundo andava intrigado pela sorte, bôa ou má, da Comissão de Estética.

Dizia-se que *alguém* lhe havia dado uma machadada... mortal, e que se vinha arrastando numa «agonia lenta», muito semelhante àquela que Brito Camacho reconheceu existir em Portugal, aí pelos meados de 1919, em certa sessão parlamentar que tomara crescendo em defêsa de determinada classe, colocada num viver de agruras e de miséria.

Lêmos, porém, que a Comissão de Estética foi convocada a reünir na Câmara na terça-feira última.

Do que foi deliberado, somos informados particularmente, embora não tivéssemos assistido à sessão pública em que a Câmara tomou conhecimento das suas resoluções, dizendo-se que soube afrontar as iras do «carrasco», negando *referendum* às suas *incomparáveis* e impossíveis atrabílios e oposições atravessadiças, apertando-o no atafal da incompetência que o mostra discente de más letras e especulador de trêtas — só para que o seu nome seja falado com todos os *aa* e *ll* que o ornam e enfeitam.

Parabéns à Comissão de Estética, que valorizou uma vez mais a sua missão, não pactuando com a estultícia que nada vale.

O resto, pouco interessa.

Outra vez a toupeira?!

E' costume reconhecer na toupeira utilidade e dar-lhe plena liberdade nos campos onde mora, sabido que os seus estragos são insignificantes à face dos benefícios que possa causar.

Porém, ninguém desconhece que outras há muito mais daninhas, fazendo vida nas galerias subterrâneas, que, mercê da sua insaciável voracidade e instinto de mal fazer, se tornam perniciosas até mais não.

Vivem para comer e causar estragos, vagueando no sob-sólo, nada contribuindo para que vejam luz, como não há

ratoeira que as possa exterminar ou livrar-nos da sua acção nefasta.

São toupeiras sem classificação zoológica, impando de fartura e de maldade, sempre prontas a trabalhar a coberto do mistério que as envolve, sempre esfaimada e desalcançadiça.

A propósito de uma carta que foi dirigida por aquele espécime de nefelibata e desencantador de móveis antigos gerou-se e nasceu uma repulsa sem limites pela atitude manifesta do abastardado vimaranense que usa e abusa da traição para maior prejuízo da Terra que não teve culpa de lhe servir de bêrço.

— Que fazer ao dono desta prenda?!

A sua opinião terá qualquer valor que se imponha ao consenso popular que *quere* e *deseja* vêr Guimarãis dotada de um monumento condigno?

Qual a escola que freqüentou para se permitir criticar uma obra que Henrique Moreira, mestre da escultura, não teve dúvidas em subscrever e até realizar?

... Se até os marceneiros conscientes o apodam de *cáustico* no que diz respeito a crítica de mobiliário antigo — onde os êrros palmares surgem em catadupa!!!—como tomá-lo a sério?

O povo já o conhece e não navega no ar da sua importância.

Pró-Monumento

aos Mortos da Grande Guerra

Quem percorre a França e a Bélgica encontra, na mais humilde das suas aldeias, um monumento comemorando os mortos da Grande Guerra. Em Portugal, a não ser nas grandes cidades ou em alguns centros populacionais de relativa importância, raro é encontrar uma pedra que faça lembrar o sacrifício heróico a que os seus filhos se votaram, batendo-se e morrendo pela Pátria que os viu nascer.

Ingratidão?!

Nada disso, mas antes e apenas o pertinaz e tradicional defeito de um povo que bem pouco exteriorizou suas glórias e grandezas, deixando que a lembrança dos seus heróis se lhe oblitere na memória.

Guimarãis, terra natural do fundador da Nacionalidade, pode sem favor considerar-se bêrço de heróis. Contudo, quem visitar essa industrial e laboriosa cidade do Minho vê com pezar que nela não existe qualquer padrão que recorde os seus mortos na Grande Guerra.

Pois, e manda a verdade que se diga, Guimarãis não foi das cidades de Portugal a que deu menor contingente para o sacrifício pesado e heróico das campanhas de 1914 a 1918.

Na Africa Ocidental, em 1914-15, vimos os seus filhos cumprindo galhardamente o seu dever e na Flandres, em 1917-18, igualmente o cumpriram encorporados e fazendo parte da gloriosa e celebrada Brigada do Minho.

Dêsses, quantos por lá ficaram, quantos dêles não baquearam e morreram, tendo nos olhos vítreos e embaciados pela morte a saüdade e a imagem da Pátria querida e distante!

Tê-los-ão esquecido?!

Guimarãis que glorificou o seu herói máximo, terá olvidado a memória dos seus mortos de Africa e de França?

Cremos que não, e convencidos estamos de que, mais dia menos dia, a terra de Afonso Henriques fará erigir em lhonra dos mortos da última guerra condigno monumento nêle inscrevendo e perpectuando, para constante lembrança de vivos e vindouros, os nomes daqueles que corajosamente se bateram e pela Pátria morreram.

Não acreditamos, pois, que Guimarãis se haja esquecido ou se esqueça. Guimarãis está apenas adormecida, mas despertará e cumprirá o seu dever.

Lisboa, Janeiro de 1936.

Araldolira.

Iluminação pública

Em certos pontos da cidade a luz continua a ser esquiva em mostrar-se. Dir-se-ia estar cansada do seu labor constante e resolver porisso entrar em estágio de repouso, aliás merecido, para recuperar as *energias* perdidas...

No verão, a falta de uma lâmpada, aqui ou acolá, ainda é sofrível. Mas no inverno, e sobretudo num inverno como o que estamos atravessando, em que o solo se encontra contìnuamente encharcado, a falta de luz é intolerável.

Em frente!

Nunca a oportunidade para a erecção do Monumento aos Mortos da Grande Guerra foi tão propícia, nesta terra, como agora.

A aturada e persistente campanha mantida com brilhantismo e convicção pela imprensa vimaranense, e mormente pelo «Notícias de Guimarãis», cuja acção é de todos sobejamente conhecida, tende, ou melhor, sortiu o efeito almejado.

A aparição da bela «maquette», que o sr. Capitão Duarte Fraga em hora feliz concebeu, veio pôr em sobressalto o coração dos vimaranenses, os quais deram largas ao seu entusiasmo e à sua alegria, por julgarem que a sua terra iria, enfim, possuír um padrão digno de si e dos seus desgraçados mortos, há tantos anos votados ao mais ingrato dos esquecimentos. Tôda a gente, no entanto, sabe, dada a grandiosidade dêsse monumento, que o subsídio de 30.000$00 votados pela actual Comissão Administrativa do Município, não chega para a sua confecção e que, por conseqüência, necessário se torna arranjar o restante. Falam uns, para êsse fim, numa subscrição pública, e outros, ainda, numa emissão de sêlos, como meios capazes de o conseguirem.

Nós julgamos que qualquer dos processos é aceitável e que será coroado do maior êxito, desde que se ponha em imediata execução.

Faça-se, para isso, a necessária e indispensável propaganda; apareça quem sinceramente trabalhe — o que parece felizmente existe — e o triunfo será certo. Diga-se a tôda a gente — a tôda! — à opulenta e à humilde, do que se trata e para que se vai, e nós apostamos em como num prazo relativamente curto, se reünirá o capital indispensável para o fim em vista.

O povo quere, o povo deseja ardentemente o monumento — podemos afirmá-lo!

Haja uniformidade de vistas, haja entendimento e boa-vontade, afastem-se para largo os *doentes*, e veremos se aquilo que se não fêz — vai para desoito anos — não será realidade em breve tempo.

Querer é poder! E os vimaranenses quando querem — podem.

Aproveite-se o entusiasmo do povo — porque nêle é sincero e verdadeiro —, e os mortos de Guimarãis na Grande Guerra terão, enfim, a sua saüdosa memória perpetuada num monumento grandioso, encantador e admirável, como é aquele que o sr. Capitão Fraga idealizou e Henrique Moreira concebeu!

Vamos! Mãos à obra e contem com a vitória!

Os mortos bendirão os homens de boa-vontade e Guimarãis ficar-lhes-á agradecida!

Janeiro de 1936.

J. Gualberto de Freitas.

Quem fala?!

O despeito sempre deu mostras do carácter do indíviduo e depressa revela a alma tôrpe que espiritualmente o alimenta. Pena é que a ilustração e a instrução que tenha recebido não obrigue o Homem a refrear os seus ímpetos e lhe harmonise os ditâmes da consciência, serena e tranqüilamente. Porém, o insulto não salpica sequer a nossa qualidade de Vimaranenses.

Pelo simples facto de nos considerarem *«nulidades com duas unidades à esquerda»*, em detrimento do anseio de ver regressar à Terra-Máter de Portugal uma unidade militar, nem à condição de ofensa pode ou deve ser levado o chiste que o autor da frase pretendeu ter. Desculpámo-lo ao reconhecer que, desta vez, Guimarãis também soube ser *madrasta* para quem dela pretendia fazer uma autêntica exposição de marcos funerários.

E passe por lá muito bem.

Arcades ambo...

Lê-se no *Bêrço da Grei* que o articulista da «Acção Municipal» rejubila por não ver incluídas, no plano das obras camarárias, nenhuma daquelas obras que possam oferecer carácter brica-braquista ou preocupação de cenografia ou arranjo estéticos.

Como é o colega local quem afina para «pábulo da maledicência caseira», uma vez que a observação está bem achada e parece levar recochete, felicitámo-lo e não estranhamos.

Ne, sutor, ultra crepidam

Em qualquer filosofia rudimentar, mesmo nas espalhadas pelo ensino secundário — e propositadamente tomamos assento na difundida por Mendes dos Remédios —, no capítulo «Unidade e Identidade da alma» da Psicologia Racional verifica-se e lê-se o seguinte:

«A propriedade que a alma tem de ser sempre uma e a mesma *no meio da variedade de fenómenos de que é causa, é que constitue a sua identidade. A prova mais cabal dêste facto é o testemunho da consciência. Em todos os momentos da existência, em tôdas as situações da vida, a consciência atesta-nos que somos, do princípio ao fim da vida,* uma só e a mesma pessoa moral.

A mesma identidade se prova pela memória, pelo raciocínio e pela responsabilidade».

— ¿Como vir dizer que a *alma tem pulsações*, se ela continua a ser uma «razão espiritual» para todos aqueles que são profundamente metafísicos e excessivamente creacionistas?

Acêrca das Festas Gualterianas

E' já do conhecimento público o esbôço do programa das Festas Gualterianas, subsidiadas no presente ano pela Câmara Municipal, e que dizem dever ser «organizadas em obediência às características locais», avultando as danças regionais, *com sua coreografia palpitante de beleza rítmica*, concurso de trajes, cortejos agrícolas, coros e orfeões, que esperam ser concorridíssimas, pois acreditam ter encontrado motivo de atracção superior «a quantas bizarrices decorativas os nossos iluminadores sejam capazes de inventarem» (sic).

Como fonte inspiradora, o programa promete pela originalidade, pois também se preconiza que não sejam *impedidas as decorações.*

E como a «admiração basbaque» traria dispêndio inútil, vá de se criar um rancho regional com flauta, rabeca, clarinête, cavaquinho e tudo, para maior parcimónia nos gastos, tirados à cabeça dos exíguos 70 contos que fôram rateados em sorte do impôsto criado para êste fim e para o Monumento aos Mortos da Grande Guerra.

Sursum corda!

FESTAS GUALTERIANAS

A propósito do título que me serve de epígrafe, devo fazer uns pequenos esclarecimentos à volta da minha proposta apresentada na reünião da Comissão Executiva, para a qual fui convidado, Comissão essa composta pelos Srs. António Lopes de Carvalho, pela Ex.ma Comissão Administrativa da Câmara; Silvino Alves de Sousa, pela Associação Comercial e Industrial, e António Laranjeiro dos Reis, pelo Sindicato dos Empregados no Comércio.

A minha proposta, publicada em síntese, no Diário de Guimarãis para o «Primeiro de Janeiro», de 22 do corrente, pelo qual os vimaranenses dela tomaram pleno conhecimento, só para que me não julguem contrário à realização das Festas Gualterianas, hei para bem da verdade expôr o seguinte:

Primeiro que tudo devo declarar que o meu princípio é defendê-las, e, com elas, o regionalismo local, para que se não assista ao que se vem verificando por aí além — *pelo menos aos olhos daqueles que viajam* — ou seja, o de se ver, em quási tôdas as cidades e vilas que realizam festas, as **mesmas ornamentações.**

Não basta dizer que *vamos* realizar as Gualterianas, não basta chamar um iluminador ou um ornamentista! E' preciso mais, ou então, mude-se-lhe o título para que se não engane o Turista, *que conheceu as nossas festas* e que desde 1923 vem sendo iludido.

Dirão que também sou culpado, devido à minha colaboração durante anos, e que só agora é que reparo... E' certo. Porém, se agora estou de opinião contrária, é para melhor (e porque vejo viabilidades que nunca surgiram) dizer que, imprimindo-lhes maior grandeza, mais arte e imponência, se foge precisamente da vulgaridade que, como digo, se vem observando em outras terras.

Esta minha maneira de ver, que é também, entre outras, a do snr. A. S. Lima, só a pode realizar a Ex.ma Comissão Administrativa da Câmara, contribuíndo por si só para a efectivação das mesmas, e muito bem, porque só aqueles que teem andado de porta em porta se podem pronunciar, pois impossível se torna, pela subscrição, torná-las grandiosas como nos primeiros tempos.

Defendo, como se vê pelo já exposto, as *Gualterianas*, e todo o meu desejo é que elas tenham a mesma admiração, como o tem tido a *Marcha Gualteriana*, que embora por estranhos «macaqueada» nunca foi igualada, e isto porque é **nossa**, feita por **nós** e administrada por **nós.**

Guimarãis, Janeiro de 1936.

Joaquim Laranjeiro dos Reis.

Pró-Monumento aos Heróis da Grande Guerra

O referêndum popular

Pedem-me para exarar, aqui, as minhas impressões. Sim. Como vimaranense e português senti, confesso, orgulho e alegria quando vi a maquete para o Monumento aos Heróis da Guerra; coisa linda e admirável que demonstra bem a heroicidade, bravura, valentia, coragem e incitamento nos Militares e Pátria — brilho de Portugueses —, pelo que cordialmente felicito o seu autor e lhe presto os protestos da minha simpatia. Mas se a parte artística está bem feita ou não, os técnicos o dirão. Confesso que gostei.

José Gomes.

Conhecimentos?...
Parabéns a Guimarãis e aos autores.

José Laranjeiro dos Reis.

Muito e muito bem. Sinceras felicitações e agradecimentos ao ex.mo Camarada sr. Capitão Duarte Fraga.

Tenente Carvalho de Melo.

O *Artista* nasce. O Senhor Capitão Fraga criou, numa rajada de génio, obra que mais ennobrece o bêrço da grei.

Manuel da Costa Pedrosa.

Como combatente, orgulho-me da minha terra possuir um monumento condigno.

Honra ao seu autor, Capitão Duarte Fraga.

Sebastião Mendes
(Combatente da G. Guerra).

Sem os conhecimentos indispensáveis para ajuízar do valor da maquette, confesso que a acho muito interessante e que o autor do projecto, que, a meu modo de vêr, foi feliz, deve ser elogiado, o que faço.

Joaquim Ribeiro da Silva.

N. R. — Rectificando:

O triúnfo da sua «Vitória» será o triúnfo sôbre a rotina — ou a inépcia?
Oxalá o vejamos.

Francisco Pinto Rodrigues
(Advogado).

Arrendamento

Arrenda-se uma quinta e um engenho de linho, sitos na freguesia de Oleiros, dêste concelho.
Falar nesta redacção. (22)

Anuncial no NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Como vem sendo apreciada a acção do nosso jornal

Uma carta

23-Jan.º-1936

Meu Prezado Amigo:

Não pude por falta de disposição e pequenas razões de ordem particular, pronunciar-me oportunamente sôbre a acção do «Notícias de Guimarãis», como amàvelmente me convida.

Que hei-de dizer-lhe que o meu Amigo não saiba já? Que o «Notícias» é um jornal moço, feito com simpatia, interêsse e elegância?

Que o Antonino, na sua direcção revela inteligência, generosidade, e sobretudo coragem?

Há no seu jornal por vezes, um ponto ou outro de que discordo? Naturalmente. Mas com Você próprio acontecerá o mesmo, creio.

Na liberdade que o meu Amigo dá aos seus colaboradores, dentro da feição regionalista do jornal, reside em grande parte o segredo do seu êxito.

Se algum dia eu dirigir um jornal, o que não é nada que não possa acontecer, também, como Você, não caírei na inepcia de impor dogmàticamente a minha opinião a todos os colaboradores.

Por tudo quanto venho de escrever, parece-me que só tenho que enviar-lhe os meus cumprimentos muito sinceros e afectuosos pelo quarto aniversário do seu jornal.

Américo Durão.

A minha opinião sôbre o «Notícias de Guimarãis»

O «Notícias de Guimarãis» tem por lema único defender e pugnar pelos interêsses da Cidade e Concelho de Guimarãis. Dentro dêste pequeno programa todo um campo vastíssimo de nobres aspirações se descortina, que ao devotado bairrismo de seus colaboradores está confiado, e, de uma maneira particular, ao seu inteligente Director, mantendo o fio de prumo desta norma de vida. Basta-lhe, pois, cumprir o seu dever, esperando que um justo apoio seja encontrado da parte de seus múltiplos assinantes, para assim obter aquele prémio destinado a um jornal honrado: — a vitória na propaganda das necessidades de uma terra como Guimarãis, que mercê de um mau conjunto de circunstâncias, não é aquilo que devia ser hoje. Confiemos, como vimaranenses, em melhores dias, apesar de êles tardarem bastante, e que uma visão mais alta dos nossos destinos ilumine os espíritos que se propõem trabalhar — *Por Guimarãis.*

Jerónimo de Almeida.

Carta do sr. General Ferreira Martins, ilustre presidente dos «Padrões da Grande Guerra».

«Ao ... sr. Antonino Dias Pinto de Castro, Director do *Notícias de Guimarãis.*

Sr. Director:

Em nome da Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra tenho a honra de comunicar, que na acta da sessão de hoje ficou exarado um voto de congratulação pela maneira altamente significativa de um emotivo patriotismo, como foi comemorado o 4.º aniversário do jornal «Notícias de Guimarãis», que V. ... distintamente dirige.

Esta Comissão, cujo objectivo é exaltar o esfôrço da intervenção militar de Portugal na Grande Guerra e glorificar os seus Mortos, não podia ficar insensível perante o facto de V. Ex.ª incluír no programa da comemoração a exposição da *Maquette* do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, naturais de Guimarãis, projecto de um nosso estimado Camarada e antigo Combatente, o sr. Capitão Duarte Fraga e execução do ilustre escultor sr. Henrique Moreira, que nós conhecemos, como autor do Monumento Padrão de Luanda e cuja técnica artística e desinterêsse tivemos no maior apreço.

Com os votos das maiores prosperidades, queira aceitar, sr. Director, os testumhos da minha maior consideração pessoal.

O Presidente,

General Ferreira Martins.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1936.

... Sr. Antonino Dias Pinto de Castro, Director do «Notícias de Guimarães»

Sr. Director: Recebi o n.º 207, comemorativo da entrada no 5.º ano de publicidade do jornal «Notícias de Guimarãis», que V.... tão distintamente dirige. Com as minhas melhores saudações pelo aniversário, que se comemora com êsse número especial, aceite as expressões do meu reconhecimento pela honrosa distinção, que dispensou, incluindo-me entre os antigos combatentes, que acorreram ao apêlo do «Notícias de Guimarãis» a favor do monumento aos Mortos da Grande Guerra, de Guimarãis.

Quis V.... dar uma nota significativamente patriótica à comemoração dêste aniversário, expondo a *maquette* dêsse monumento, que muito breve será uma realidade.

O projecto do meu distinto Camarada e velho Amigo, Capitão Duarte Fraga, pela fotografia e por tantos pareceres entusiásticos de pessoas, que tiveram a felicidade de vêr a *maquette* na redacção do seu jornal, corresponde ao alto objectivo que anima o espírito culto e vibrante do Capitão Duarte Fraga. Para lhe dar realização, ninguém mais autorizado pela sua alma de grande artista e pela sua técnica superior de estatuário, do que o ilustre escultor portuense, Sr. Henrique Moreira, que tive ocasião de apreciar na concepção e execução do Monumento Padrão de Luanda.

Oxalá possamos saber que o Monumento progride, e fixada a data da sua entrega solene à Cidade de Guimarãis, à guarda e respeito da sua população, será um dia de íntima satisfação para todos.

Justo é destacar neste momento de homenagem aos que pugnam por tão nobre causa, a causa do Monumento, que é a causa da exaltação do esfôrço da nossa intervenção militar na Grande Guerra (acto que honra os estadistas de 1914, que constituíam o Govêrno da República), o nome do Camarada e Amigo, Capitão Manuel José da Silva, que sob o pseudónimo de *Manuel de Guimarãis* tanto tem trabalhado por essa realização.

Com os testemunhos da minha melhor consideração, creia-me, etc.

Cor. Henrique Pires Monteiro.

... Snr. Director do «Notícias de Guimarãis».

Venho cumprimentá-lo muito efusivamente, em nome da direcção do Vitória Sport Club, pelo 4.º aniversário do seu conceituado jornal.

Defensor acérrimo dos interesses de Guimarãis e arauto valoroso de tudo quanto ao seu bom nome respeita, o «Notícias de Guimarãis» é credor do reconhecimento de todos os vimaranenses, de todas as colectividades, de todo o concelho.

E o Vitória, que ao seu jornal muito deve, não pode ficar indiferente na celebração dêste aniversário. Ao contrário do que pensa alguma gente — pouca gente ainda bem — nòs aqui no Vitória, também trabalhamos um bocadinho para tornar mais conhecido o nome de Guimarãis. E sempre temos encontrado no seu «Notícias» o melhor aplauso à nossa acção, o mais convincente incitamento aos nossos desígnios.

Os adeptos do Vitória são aos centos, aos milhares, formam legião. Não admira: é o único club desportivo cá da terra e o que representa, portanto, Guimarãis na actuação desportiva nacional. E é ao seu aplauso que devemos a obrigação de orientar a sua marcha num sentido de maior amplitude, tanto em organização como em modalidades. Pois, quando calha do Vitória perder um desafio ou, até, de não conseguir mais do que um empate, ê ver a crítica acerba que nos fulmina, ás mezas dos cafés e no pretório do Toural, com sarcásticos desdens, entre a ameaça da ausência e o rasgar de livre-trânsito...

E' então que o «Notícias» vem em nosso auxílio. Conduzindo a opinião, exortando-nos com o seu aplauso, incitando os praticantes, a paz volta a esta grande família, e vamos encontrar-nos todos, por fim, animados da mesma vontade, a procurar maior re-

nome para que o nome de Guimarãis seja mais vezes repetido.

E' por isso, que eu, ao felicitá-lo, quero também agradecer-lhe pelo que nos tem ajudado e pedir-lhe que não esmoreça na defesa desta terra, que é de todos nós, os vimaranenses, ou porque aqui nasceram ou porque para cá vieram — desde que tivessem bebido a *água da Oliveira.*

(a) *António Faria Martins.*

Meu caro Antonino:

Na espécie de inquérito que abriu sôbre a acção do «Notícias de Guimarãis» obteve o meu amigo um verdadeiro triunfo!

As colectividades vimaranenses e grande número de pessoas de grande relêvo no meio social e intelectual exprimiram, pela sua pêna, a sua absoluta concordância com a orientação seguida pelo jornal que V. tão superiormente dirige.

Todos lhe dirigiram palavras de grande apreço e de incitamento a que continúe na defesa da causa sacrossanta a que tão devotada e desinteressadamente se vem dedicando, sendo unânimes em lhe reconhecer os relevantíssimos serviços prestados ao concelho e, de um modo especial, à nobre e vetusta cidade de Guimarãis.

Pode, justamente, ufanar-se de que tem consigo a opinião pública e que todos os bons vimaranenses apoiam a sua acção inconfundível do mais verdadeiro e acendrado bairrismo.

Esta manifestação de simpatia que acaba de brotar tão expontâneamente de corações afectos e ansiosos do bem de Guimarãis, é algo de importante, de significativo e de consolador!

Basta, por si só, para o compensar dos desgostos sofridos e dos sacrifícios feitos nos quatro anos consumidos em luta titânica, servindo-lhe, além disso, de incentivo para mais e maiores cometimentos.

Honra, pois, ao «Notícias de Guimarãis»!

Um grande abraço do

Am.º certo,

C. R. Capela.

Um telegrama de saüdação

Do ilustre jornalista sr. dr. Artur Anselmo, recebemos há dias, o seguinte e cativante telegrama:

«Jornal de Monsão» cumprimenta brilhante colega pela passagem de seu aniversário.

(a) *Dr. Anselmo.*

O «Notícias de Guimarãis» agradece, reconhecidamente, esta grande prova de solidariedade e apresenta ao seu ilustre colega os seus cumprimentos e as suas calorosas saüdações.

O aniversário do «Notícias de Guimarãis»

Da correspondência desta cidade para o importante diário «O Primeiro de Janeiro» transcrevemos o seguinte:

Notícias de Guimarãis, continua a marcar, como um dos melhores semanários da província. Confirma esta nossa asserção, o número especial, comemorativo do seu 4.º aniversário, abrilhantando-o a excelente parte literária, em prosa e em verso, e a parte gráfica que não pode ser melhor.

A capa torna-se interessantíssima pelo conjunto das caricaturas dos que, com tanta distinção e desassombro, nele colaboram.»

Agradecemos, reconhecidamente, as palavras amigas acima transcritas.

Da «Estrela do Minho» de Famalicão:

Notícias de Guimarãis, está de parabens êste nosso distinto colega, não só pelo seu último aniversário, como pelos números excelentes e valiosos que fez editar pelas Festas do Natal, do Ano Bom e agora pela comemoração do seu 4.º aniversário.

Foram três verdadeiros *magazines* os três referidos números daquele nosso estimado colega, que foram compostos e impressos nas nossas oficinas.

Variada e distinta colaboração e apresentação gráfica primorosa, a que os jornais de província não estão lá muito habituados.

Dificilmente mesmo, um jornal como o *Notícias de Guimarãis* reune tão distinta pleiade de colaboradores e presta tão altos serviços à Terra.

Os nossos cumprimentos.

Aos nossos assinantes da Cidade

Prevenimos os nossos estimados assinantes da cidade, de que vamos iniciar a cobrança de mais um trimestre do «Notícias de Guimarãis», que terminou com a publicação do n.º 208 dêste jornal, esperando que todos nos dispensem o bom e costumado acolhimento, o que agradecemos antecipadamente.

Igualmente prevenimos os nossos assinantes de fora do concelho, de que só agora seguiram para o correio os recibos referentes às suas assinaturas de um semestre que terminou com o n.º 196, publicado há algumas semanas. Pedimos-lhes, na forma do costume, o seu bom acolhimento, que agradecemos.

Reünião «Pró-Monumento»

A convite do Ex.mo Presidente da Direcção Executiva «Pró-Monumento aos Heróis da Grande Guerra», reünem àmanhã, 3.ª feira, pelas 21 horas, na Sede da Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, as comissões de Propaganda e Auxiliar, nomeadas em Asembleia realizada, na pretérita 3.ª feira, a-fim de tomar conhecimento de várias comunicações e dar início aos seus trabalhos, antecedendo-os a leitura do auto de Posse.

Asilo de Santa Estefânia de Guimarãis

Nota oficiosa

Tendo chegado ao nosso conhecimento de que ùltimamente têm percorrido a cidade algumas crianças a pedir em nome desta Instituïção, vimos declarar que as internadas nêste Asilo, felizmente, nunca estenderam a mão à caridade pública.

Previnem-se, portanto, as almas generosas e corações benfazejos dêste facto, para que esta prestimosa casa não sôfra com semelhantes abusos.

Guimarãis e Secretaria do Asilo de Santa Estefânia, 24 de Janeiro de 1936.

A Comissão Administrativa.

NOTICIAS PESSOAIS

Dr. Eduardo d'Almeida

Este nosso querido colaborador e amigo e distinto advogado, tem passado, nos últimos dias, ligeiramente encomodado. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

Dr. Jerónimo Rocha

Partiu para Lisbôa, com demora de alguns dias, o nosso prezado amigo e ilustre colaborador sr. dr. Jerónimo Rocha.

José Jacinto Júnior

Também seguiu para Lisbôa, com alguma demora, o nosso prezado amigo sr. José Jacinto Júnior.

Conselheiro Dr. José Mota Prego

Encontra-se em Lisbôa, com demora, o nosso estimado conterrâneo e Amigo sr. Conselheiro dr. José da Mota Prego.

P.e José Ferreira Leite

A Mêsa da V. O. T. de S. Domingos manda celebrar no próximo dia 31, às 9 horas, na capela da mesma V. Ordem, uma missa em acção de graças pelo restabelecimento do seu benemérito Padre Mestre rev. José Ferreira Leite.

Várias

De Lisbôa, onde foi assistir ao Congresso do Turismo regressou ás Caldas das Taipas, de cujo estabelecimento é muito digno director clínico, o nosso prezado amigo sr. dr. Alfredo Fernandes.

— Num dos hospitais de Lisbôa vai ser submetido a uma melindrosa operação, o menino Antéro, filho do nosso prezado amigo sr. Leopoldo Martins de Freitas.

— Tem estado bastante doente o laureado académico, sr. Fernando de Matos Chaves Flores, aluno do 4.º ano do Liceu, filho muito querido do nosso prezado amigo e distinto professor da Escola Industrial e Comercial de Francisco de Holanda, desta cidade, sr. dr. Fernando Lopes de Matos Chaves.

— Continúa bastante doente a sr.ª D. Julieta Guimarãis Pinheiro, dedicada espôsa do nosso prezado amigo, sr. José Pinheiro.

— Tem passado ligeiramente incomodada a espôsa do nosso prezado amigo sr. Capitão Duarte Fraga.

— Tem passado bastante encomodado o nosso bom amigo e abastado capitalista, sr. Gaspar Lopes Martins.

Desejamos as melhoras dos enfermos.

— Tem passado algo incomodado o nosso prezado amigo e distinto Engenheiro Municipal, sr. dr. Joaquim Ferreira Leão, a quem desejamos pronto restabelecimento.

— Encontra-se gravemente doente a veneranda mãi do nosso prezado amigo sr. dr. Alfredo Dias Pinheiro. Desejamos as suas melhoras.

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso prezado amigo, do Pôrto, sr. Adelino Augusto Pontes.

— De visita a seus filhos encontra-se nesta cidade a sr.ª D. Laura Amélia de Lima, mãi do nosso prezado amigo, sr. Antéro Henriques da Silva.

— Também se encontra entre nós, de visita a umas pessoas amigas, a sr.ª D. Beatriz dos Santos Malaquias, ilustrada professora oficial em Escapais, Vila da Feira.

Aniversário

Passa hoje o aniversário natalício do nosso bom amigo sr. José Jacinto Júnior, importante industrial e capitalista.

— Também passa àmanhã o aniversário natalício do nosso bom amigo sr. José Maria Cândido de Paiva.

— Completou ontem duas risonhas primaveras o interessante menino Armando Leonel Augusto Matos Cosme, filho do nosso prezado amigo sr. José Cosme.

— Passa, também, àmanhã o aniversário natalício do nosso querido amigo e distinto colaborador, sr. dr. José Pinto Rodrigues, ilustre advogado.

— No próximo dia 29, passa, igualmente, o aniversário natalício do nosso querido amigo e respeitável vimaranense sr. José Luíz de Pina, professor distintíssimo, Artista de raro valor e ilustre 1.º Comandante dos B. V. de Guimarãis.

A todos felicita, respeitosamente, o "Notícias de Guimarãis„.

DA CIDADE

Calendário — Da importante casa comercial do Pôrto H. Vaultier & C.ª — Armazém de óleos e acessórios das mais reputadas marcas que têm conquistado uma larga clientela em todo o país — recebemos um lindo calendário para o presente ano, o que muito agradecemos.

Missa — A Mêsa da V. O. T. de S. Domingos, desta cidade, manda celebrar no dia 28 do corrente, pelas 9 horas, uma missa em sufrágio da alma da ex.ma sr.ª D. Josefa Emília do Nascimento Leite, veneranda e saüdosa mãi do Rev. José Ferreira Leite, Director Espiritual da mesma Venerável Ordem.

Beneficência — Para a pobre tuberculosa para quem pedimos num dos nossos últimos números recebemos de um anónimo, em sufrágio da alma de sua espôsa e do sr. Jorge Pereira da Costa, a quantia de 10$00 que entregamos à sua mãi, visto que a desventurada rapariga ia a enterrar quando lhe iamos fazer entrega daquela importância.

Falecimento — Em Coimbra faleceu, repentinamente, ante-ontem, o sr. dr. Nuno Xavier de Castro, sobrinho do nosso prezado amigo sr. João Baptista de Sousa, conceituado negociante local, a quem, bem como à restante família, apresentamos condolências.

Campanha de inverno — Sabemos que para o sustento desta Campanha o concelho de Guimarãis será contemplado não com 100$00 diários, como fôra estipulado, mas sim com 200$00, que serão entregues à Direcção da Casa dos Pobres, a cargo de quem fica aquela campanha beneficente.

Notícias religiosas — No templo de S. Dâmaso, realizou-se, na segunda-feira, com tôda a imponência, a festividade em honra do Mártir S. Sebastião, em que foi orador o Rev.º D. António Coelho. O templo ostentava uma luxuosa decoração da acreditada casa Eugénio & Novais.

*

No templo das Domínicas, realizou-se, ontem, com grande solenidade, a festa ao S. Sebastião dos Milagres, em que foi orador o rev.º Dr. Abílio Cândido de Almeida Gomes, do Pôrto.

*

Foi convidado a fazer as conferências quaresmais no templo dos Santos Passos, o rev.º Marcelino da Conceição, ilustrado reitor da Ordem da Trindade, do Pôrto.

Escola Industrial — Os alunos da Escola Industrial e Comercial «Francisco de Holanda», desta cidade, enviaram ao sr. engenheiro Nobre Guedes, o seguinte telegrama:

«Agradecem reconhecidamente projecto-lei concedendo regalias diplomados Ensino Técnico».

Paços do Concelho — Na Tesouraria Municipal encontram-se em pagamento a derrama especial para o edifício dos Paços do Concelho e Avenidas Novas e as licenças do exercício do Comércio e Indústria.

Taxa Militar — Também está em pagamento, na administração do Concelho a Taxa Militar, devendo os contribuintes do mesmo imposto comparecer na mesma repartição até ao dia 29 de Fevereiro próximo futuro.

Festas da Cidade — Reüniram se na segunda-feira, nos Paços do Concelho, várias entidades para *elaborarem os trabalhos preparativos para a realização das festas da cidade.*

Presidiu o sr. António Lopes de Carvalho, vereador Municipal e membro da Comissão Executiva das Festas que expôs o fim da reünião.

Falaram vários dos presentes mas nada ficou resolvido. Foram versados vários assuntos que se relacionavam com as Festas da Cidade, mas não chegaram a elaborar-se nenhuns trabalhos uma vez que, em nossa opinião, não se chegou a entrar na ordem da noite, a-pezar-de ter havido alguém que a lembrasse.

Finda a breve conversa e *por não haver mais nada a tratar...* foi encerrada a sessão.

Abstemo-nos de fazer apreciações.

Novos assinantes — Entre outros pediram a assinatura do nosso jornal os srs.: Alfredo Faria Martins, Armando Andrade, José Pinto d'Almeida, António d'Oliveira, António da Silva Crespo, João Fernando da Silva, sargento António Mendes, Antonio P. da Cunha Martins, João da Costa, Sebastião de Freitas, Avelino Ferreira Meireles, Manuel d'Assunção Ferreira, José Fernandes, sargento António José da Cunha, Alberto da Cunha e Castro, D. Armanda Fonseca, José Ferreira Dias e António Pinheiro, todos desta cidade; João Machado da Fonseca e Castro, Arnaldo Leite, Manuel da Rocha Mendes, António Ferreira Lopes, Guilherme Barbosa, José Joaquim Pinto dos Santos, José da Silva Pinto dos Santos, Carlos Gilson, do Pôrto; 1.º sargento José de Melo e 1.º sargento José B. Coelho, de Braga; Agostinho Martins, de Lisboa; Gervásio Gonçalves, de Fafe; Joaquim Júlio Pereira, de Fátima; Luís Gonzaga Pimenta Machado, de Negrelos, Jerónimo Baptista Pires Leite, do Rio de Janeiro; Bernardino Pereira, de Sintra; 1.º cabo José Joaquim Carvalho Melo, de Pôrto Amélia, África; Isidro Jose Dias Pinto, das Caldas da Rainha; Armando de Abreu Vieira, de Leiria Mesquita & C.ª, de Joane, Famalicão; António Plácido Viana, de Palhãis, José Augusto Rodrigues Pereira e José Filinto Ferreira, de Monsão; D. Guilhermira Leonor de Araújo, João da Silva Soutinho, Joaquim Machado Monteiro e A Emprêsa Industrial Sampêdro, de Lordelo; José Rodrigues Guimarãis, do Pevidém; Manuel Inácio de Araújo Freitas e António Joaquim de Sousa, das Taipas; José de Freitas, de S. Torcato, António Leite, de Polvoreira e a ex.ma sr.ª D. Maria de Jesus Paúl, desta cidade.

Verifica se que o «Notícias» conquistou a simpatia do público, o que nos é grato registar nas nossas colunas, uma vez mais.

A's pessoas que pediram a assinatura do nosso jornal e àqueles que ao fazê-lo, nos dirigiram palavras amigas, os nossos maiores agradecimentos.

Pró-Monumento — No salão nobre da Associação Comercial e Industrial de Guimarãis reüniram-se na terça-feira passada, a convite da Direcção da Sub-Agência da L. dos C. da G. Guerra os representantes das Fôrças vivas dêste concelho e muitas pessoas de representação social, antigos combatentes e ilustres oficiais do Exército, etc, para iniciar os trabalhos da construção do Monumento aos Heróis da Grande Guerra.

Presidiu o sr. Capitão Malaquias de Sousa Guedes, que convidou para assumir a presidência o sr. dr. José Maria de Castro Ferreira, vereador da C. A. da Câmara, que foi secretariado pelo sr. tenente Manuel de Jesus Rebelo da Cruz, comandante da G. N. R., e Silvino Alves de Sousa, presidente da Associação Comercial e Industrial de Guimarãis.

O sr. presidente deu a palavra ao sr. capitão Duarte Fraga, que expôs a maneira de se erigir o monumento em referência e disse porque motivo elaborou o projecto dêsse monumento.

Seguidamente foram nomeadas as seguintes comissões «Pró-Monumento»:

Comissão de Honra — General Ferreira Martins, presidente da Comissão dos Padrões da Grande Guerra; dr. José Francisco dos Santos, presidente da C. A. da Câmara; António José Pereira de Lima, administrador do concelho; coronel Duarte do Amaral, presidente da U. N.; capitão Mário Cardoso, presidente da S. M. S.; José Luis de Pina, comandante dos B. V. de Guimarãis; major Alberto Cardoso Martins de Menezes, capitão Martins Fernandes, capitão Manuel da Silva, capitão Jerónimo Montenegro, capitão José Guedes Gomes, Capitão Félix António Pereira Guimarãis, tenente Carlos Coelho, dr. Ricardo Freitas Ribeiro, Mgr. João António Ribeiro, Padre Alvaro Costa, Sub-Agência da L. dos C. da Grande Guerra, major Joaquim Rodrigues de Paiva, major António J. T. Miranda e alferes António Ribeiro.

Comissão Auxiliar — Dr. Adelino Ribeiro Jorge, dr. Fernando Aires, dr. João Neto, Associação Comercial e Industrial, António Laranjeiro dos Reis, representantes das Juntas de Freguesia; António Fernandes, representante dos grupos recreativos; Luís Alijó de Lima, representante dos Empregados do Comércio, Helder de Lemos Rocha, presidente da Academia; Sebastião Mendes, representante dos Combatentes; José Ferreira Martins, representante dos alunos da Escola Industrial e Comescial; Comissão de Iniciativa e Turismo, Sociedade de Defêsa e Propaganda de Guimarãis, Francisco da Cunha Mourão, representante dos Motoristas, Vitória Sporte Club, Corpo Nacional de Escutas, Orfeão de Guimarãis, João Pinto de Figueiredo.

Comissão Executiva — Presidente, João Teixeira de Aguiar; vice-presidente, capitão Malaquias Augusto Sousa Guedes; 1.º secretário, dr. Joaquim de Oliveira Torres; 2.º dito, Luís Filipe Coelho; tesoureiro, Joaquim Laranjeiro dos Reis; tesoureiro adjunto, Alípio Neves de Castro. Vogais: Bernardino Jordão, Alberto Pimenta Machado e João A. da Silva Guimarãis.

Comissão de Propaganda — «Notícias de Guimarãis», «Comércio de Guimarãis», «Bêrço da Grei», correspondentes de «O Primeiro de Janeiro», «Jornal de Notícias», «Comércio do Pôrto», «Século», «Diário de Notícias», «República», «Correio do Minho» e «Revista Gil Vicente» e correspondente do «Notícias Ilustrado».

Estas comissões foram aprovadas por aclamação.

Seguidamente trocaram-se impressões sôbre o assunto em questão, ficando a Comissão Executiva e a L. dos C. da G. Guerra encarregados de se avistarem com a Câmara sôbre o mesmo.

A reünião decorreu no meio do maior entusiasmo.

Eleição — Em Assembleia Geral de 26 de Janeiro, da Associação Comercial dos Retalhistas de Vinhos e Viveres de Guimarãis, foram eleitos os seguintes novos Corpos Gerentes:

Assembleia Geral — Presidente, Manuel Mendes da Silva; 1.º secretário, José de Freitas; 2.º secretário, Artur Cardoso Lage.

Direcção — Presidente, Manuel da Silva Leite; 1.º secretário, Manuel Machado; 2.º secretário, João Fernandes da Silva; tesoureiro, Francisco Pereira; vogais, António da Cunha Paredes, António Lopes e Francisco Luciano da Costa.

CASA

Vende-se a da rua Avelino Germano, n.os 61 a 69. Falar ao Dr. Fernando Aires, advogado nesta cidade.

Dissolução de sociedade

Para todos os efeitos legais se publica que, por escritura de 9 do corrente, lavrada nas notas do notário abaixo assinado, foi dissolvida a sociedade que nesta praça girava sob a firma Barros, Pinheiro & Marinho, Limitada, da qual eram sócios Artur César Fernandes Pinheiro, Bernardino Alves Marinho e João de Oliveira, todos três casados, indústriais, desta cidade.

Convencionou-se que a liquidação será efectuada por todos os ex-sócios, como liquidatários, no prazo e condições estabelecidas na acta respectiva, podendo o ex-sócio Bernardino Alves Marinho continuar a usar a firma social, mas ùnicamente para sacar contra os devedores da sociedade dissolvida, endossar os mesmos saques e receber cheques.

Os outros ex-sócios poderão usar do mesmo direito, se todo o activo representado por dívidas, não estiver liquidado até 30 de Junho do corrente ano.

Guimarãis, 25 de Janeiro de 1936.

O Notário,

António José da Silva Basto Júnior.

DESPORTO

Caça

Por indicação do C. V. do Norte, o govêrno acaba de marcar o dia 25 do corrente mês para encerramento da época de caça no Norte do país! E' de todos os caçadores conhecida a razão desta antecipação de encerramento: — a falta alarmante de caça!

De época para época, a diminuïção das espécies indígenas é deveras assustadora, sem que as mil e uma sugestões apresentadas sejam suficientes para debelar o mal.

Na imprensa da especialidade o assunto é ventilado de diversíssimas maneiras, as opiniões proliferam consoante as respectivas cabeças, mas o mal continua em marcha, entre a criminosa inconsciência da maioria dos caçadores!

Os processos actuais de caçar são acerbamente condenados, a falta de desportivismo fortemente criticada, e a esperança dum futuro melhor e mais honesto vai desaparecendo, até ao dia em que a última peça de caça tenha desaparecido também dos montes portugueses.

Futebol

Com a realização do Portugal-Austria, ontem realizado no Pôrto, o Campionato de Portugal sofreu uma interrupção.

O Vitória, que tinha de deslocar-se a Oliveira de Azeméis, para jogar com o Oliveirense, não foi por isso e, êste intervalo, é descanso proveitoso para refazimento de fôrças. Lima, já curado da garganta, poderá alinhar; Jaime, melhor dos seus incómodos cumprirá como costuma e o resto da èquipe beneficiada, por êste oportuno interregno, encarará com a devida moral o próximo encontro.

Que o terceiro desafio do Vitória na 2.ª Liga lhe seja favorável para continuar a merecer da crítica referências elogiosas e da disputa da competição máxima nacional, algo de bom colha para melhoria da sua classe, reconhecimento do seu valor e prestígio para seu nome.

Da boa classificação alcançada nesta bem delineada e inteligente competição, cujos resultados para o futebol português serão em breve tempo bem distintos e notáveis, o Vitória conseguirá impôr-se e salientar-se no meio desportivo do país.

Almeida Ferreira.

Um grande rei

A morte de Jorge V impressionou o mundo, porque o Rei que ora desaparece tinha a compreensão nítida e perfeita dos seus altos Deveres para com o Estado e o Povo, servindo um e outro com rara inteligência e aprumo.

Fiel cumpridor da Lei e da Justiça, Jorge V foi durante muitos anos orientador e conselheiro dos negócios ingleses, sendo sempre ouvida com respeito a sua opinião cheia de bom senso, ligando o seu nome e a autoridade de Chefe à posteridade não só como Rei, mas também como Homem que soube compreender e interpretar o seu tempo, a democracia e a civilização.

Reis assim, não custam servir, e por isso o povo inglês o chorou e o acompanhou com lágrimas até à sua derradeira morada.

Que descanse em paz e à Nação em luto os sentimentos mais fundos do «Notícias de Guimarãis».

FERNANDO AIRES
ADVOGADO
R. República - GUIMARÃES

JOSÉ D'OLIVEIRA BASTOS e JOÃO NETO
ADVOGADOS
Escritório — R. Gravador Molarinho, 32
(Baixos da Assembleia)
TELEFONE, 58

DESAPARECEU

Um gato de raça francesa de côr castanho escuro; pede-se a fineza de quem souber do seu paradeiro de o comunicar na rua de Paio Galvão n.º 84.

Procede-se a todo o tempo contra quem o retiver. (25)

Prédio — Vende-se — na rua da Rèpública.

Recebe propostas o sr. Albano Pires de Sousa, morador na mesma rua. (35)

Curiosidades Mundanas

O avião e os papagaios

Sucedeu, há pouco tempo, uma singular aventura a um avião que partira do aerodromo de Cloncurry, cidade da Austrália, situada a oeste do Queensland.

O aparelho descolara fàcilmente, quando um bando de milhares de papagaios, se ergueu nos ares e veio descrever círculos em volta de aparelho.

Foi uma verdadeira colisão. As hélices atingiram centenas de pássaros, que caíram, mortos, no solo.

Mas o próprio avião, também não foi sem sérios embaraços que se livrou desta estranha luta. O piloto pôde felizmente aterrar, porém os vidros ficaram quebrados, o estofo da fuselagem arrancado, a hélice partida, enquanto o aparelho todo, semelhante a uma ave de rapina, estava coberto de sangue e de penas.

Os desportos de Inverno na Alemanha

Além dos Jogos Olímpicos de Inverno, que se realizarão, brevemente, em Garmisc - Partenkirchen, figuram no programa de desportos de inverno da Alemanha, campeonatos internacionais em dez cidades do Reich, e torneios nacionais noutras 84 cidades. Entre os campeonatos internacionais figura o concurso para o campeonato da Europa de patinagem artística, que terá lugar em Berlim no fim do corrente mês de Janeiro. Outro concurso que atrairá muitos assistentes, será o de patinagem, a vela, que se realizará em Angersburg, Prússia Oriental, em princípios de Março. Nos concursos nacionais far-se ão tôdas as espécies de desportos de inverno, saltos com "skis„, corridas de trenós, patinagem, etc. Uma das provas que é sempre muito concorrida por jogadores e público é a das corridas de automóvel e motocicleta sôbre os lagos gelados e cobertos de neve, que todos os anos têm lugar em Titiseo, na Floresta Negra, e em Grainau, na alta Baviera.

Árvores de água

Na Austrália existem umas árvores curiosas que se incluem entre as várias espécies de acácias e eucaliptos. Chamam-se árvores de água.

Referindo-se a elas, conta um viajante francês que uma vez em que êle e os seus companheiros se encontravam a morrer à sêde, foram essas árvores que lhes salvou a vida.

Puseram a descoberto perto de dois metros de raiz, cortaram-lhe um bocado, sendo lhes fornecido alguns litros de boa e saborosa água que lhes fêz recuperar fôrças para continuarem a viagem.

Garrafas Vasias

Compram-se na

PENSÃO COMERCIAL

Toural — Guimarãis

DESPORTO

Campeonato das Ligas
(19 de Janeiro)

1.ª Liga:

Belenenses-Benfica — 3-1.
Sporting-Carcavelinhos — 2-1.
F. C. do Pôrto-Ass. Académica, de Coimbra — 5-1.
Vitória de Setúbal-Boavista — 3-1.

2.ª Liga:

Zona A — 1.º grupo

Sporting de Braga-Vianense — 2-0.

Zona A — 2.º grupo

Vila Real-Leça — 4-2.
Académico de Viseu-Mirandela — 2-1.

Zona B — 3.º grupo

Salgueiros-Sporting de Espinho — 3-1.
União de Coimbra-Sp. de Fafe — 4-1

Zona B — 4.º grupo

Vitória de Guimarãis-Leixões — 1-1. (devido ao mau tempo só jogaram a 1.ª parte).
Desportivo Oliveirense-Atlético de Coimbra — 7-1.

Zona C — 5.º grupo

Leões de Santarém-União Foot-bal C., Lisboa — 3-3.
União do Entroncamento-Sporting das Caldas — 1-1.

Zona C — 6.º grupo

Casa Pia-Bombarralense — 6-1.

Zona D — 7.º grupo

Desp. Portalegrense L. de Evora — 3-1.
Luso do Barreiro-Luso de Beja — 3-1.

Zona D — 8.º grupo

Sporting Farense-Portimonense — 8-0.
Sport L. e Beja-Olhanense — 2-3.

Os jogos Académico do Pôrto-Desportivo Ovarense e Associação Académica de Santarém-Chelas não se realizaram.

VENDEM-SE Duas quintas na freguesia de Atãis, próximo à estrâda que segue para Rendufe. Pagam 15 carros de medidas. Têm boas casas, bons bravios e água e podem ser vendidas juntas ou separadamente. Também se vende uma casa na rua de Francisco Agra, n.º 40-42-44, com quintal e campo.

Falar na rua Egas Moniz, 61. (33)

DO CONCELHO

Caldas das Taipas, 23.

Um caso grave!

Há dias, na visinha freguesia de S. Martinho de Sande, passou-se um caso devéras gravissimo pelas circunstâncias que o revestem.

Numa casita sua, residem no lugar das Gaias, da referida freguesia, António Ferreira Vinha e sua mulher Joaquina da Silva, com os seus filhos um dos quais Joaquim Ferreira, garfeiro, que conta 22 anos.

Este, a-pesar-de novo, está, segundo nos informam, bastante viciado na bebedeira, abandonando o trabalho para se entregar à estroinice e à urgia, o que dá motivo a constantes repreensões do pai por não ganhar sequer o suficiente para seu sustento.

Ora, na passada segunda-feira, à noite, como o pobre pai o visse embriagado e êle não tivesse dado nem um centavo da féria da semana, novamente o repreendeu, dando-lhe umas bofetadas e pondo-o fóra da porta, indo em seguida deitar-se com a restante família.

Não tardou que o meliante, abrindo a porta de uma córte que fica precisamente de baixo do quarto aonde dormem os pais, lançasse fôgo a uma porção de palha que ali se encontrava na intenção de os queimar lá dentro, como disse no dia seguinte aos visinhos, que muito prazer teria em os vêr *assados!*

Porém, tal não sucedeu, porque alguns visinhos, dando pelo facto, correram a despertar os pais e de pronto apagaram o incêndio.

E' um caso extremamente grave em que as autoridades deviam intervir, chamando à responsabilidade o autor de tão hedionda acção e aplicando-lhe um correctivo severo, pois que é um elemento perigoso no meio da sociedade.

Quando faz assim aos seus progenitores!...

C.

Lordelo, 16.

Informa-nos a Direcção da Emprêsa Eléctrica de Lordelo de que é tendenciosa e de muita má fé a notícia publicada em "O Comércio do Pôrto„ relativa à falta de luz, em certo espectáculo teatral ou cinematográfico, realizado em Lordelo.

A verdade é que a luz faltou por motivo da fusão dum fusível na linha geral, talvez derivada da irregularida de da instalação da energia, não só na própria casa de espectáculos, mas também na casa que a esta a fornece e que é a residência paroquial.

Em vez de se querer tirar dessa falta de luz um partido, que é indigno de pessoas sérias, mais valia ter pôsto em regularidade a instalação, sem ser necessário forçar a Emprêsa a intimações, que são sempre mal interpretadas.

Tam mal, que até um fusível, que se funde, pode servir para concitar o Povo à revolta e ao motim!...

E o Povo deixa-se iludir com a aparência daquilo que está longe de ser verdade, mòrmente se tal aparência fraudulenta lhe fôr apresentada com certos mimos de hipocrisia e beatitude fantástica, que desejaríamos vêr longe de todos aqueles a quem Deus confiou a pastoreação das almas.

Demais e, a despeito de todos os dictérios, sabemos que aos acusados de vândalos (o escriba é parvo e ignorantão...) assiste a maior e a melhor boa vontade pelo Grupo Recreativo de Lordelo, constituído por rapazes activos e cheios de entusiasmo, diguíssimos dos maiores louvores.

Só é pena que certas influências perniciosas ao verdadeiro progresso da terra os possam afastar da missão, que, muito louvàvelmente, querem desempenhar-se.

E' necessário que o progresso de Lordelo, até mesmo o que é deitado do altar abaixo, não seja orientado por aqueles que mais o prejudicam...

E o resto são artimanhas e malas artes de puxar para uma sardinha taluda a brasa a que todos sopram..

Não sabemos que seja progresso só aquele que beneficia uma pessoa, a não ser que êste conceito o venhamos a aprender pela evangelização social que se faz em Lordelo.

Convidamos os rapazes da nossa Terra, aquelas almas moças a quem o bom entusiasmo pode levar a grandes obras, a reflectirem a sério na maneira como conduzem ou são conduzidos neste progresso de Lordelo, que todos tanto ansiamos e para que devemos estar prontos a trabalhar.

Dá nos vontade de lhes dizer, aos briosos rapazes cá da Terra, que não deixem, que o seu entusiasmo e o seu trabalho, tôda a sua abnegação e todo o seu sacrifício sejam conduzidos para obras pessoais e que a Lordelo não interessam verdadeiramente ou que só interessarão um dia, depois de outras de muito maior urgência, de muito maior valor social, obras que sejam afirmações de carácter e Progresso real e não tacanhas manobras de sacristia. — *C.*

Briteiros, 15.

Chegou ontem à visinha freguesia de Santa Leocádia de Briteiros, acompanhada de sua criada, a sr.ª D. Maria Eugénia Cândida Nunes de Almeida, ex-professora da escola feminina daquela localidade, e actualmente exercendo o magistério numa escola do Distrito Escolar de Aveiro, tendo sua ex.ª retirado hoje.

— Aparecem por aqui, freqüentemente, grupos de 8, 10 e 12 pessoas, famílias inteiras, mendigando, sendo também freqüente aparecerem grupos numerosos de homens válidos e robustos, dos seus 15 a 30 anos, dizendo-se desempregados, por exemplo das minas de lousa de Valongo, e de tantas outras partes, sem se poder saber da sua naturalidade, e que, quando chegam a casa dum lavrador ou gente que lhes pareça ser de bens, se não pressentem homens em casa, não pedem, exigem determinadas e avultadas esmolas..., como rasas de milho, etc., perante a ameaça de lançarem fôgo à casa, etc.!

Foi exactamente isto que se deu aqui há dias, tendo um grupo dêsses meliantes apanhado uma rasa de milho a uma mulherzinha lavradeira, em momento que não tinha homem algum em casa.

Urge pôr côbro a tais abusos; quando não, estaremos, em breve, pior do que na América!!!

— As chuvas continúam a não nos querer deixar; dir-se-ia que estavamos na Abissínia e na época das grandes chuvas!

— Não se exibiu, nos dias 12 e 13 do corrente, no Cine-Salão-Taipense, e conforme estava anunciado, a película sonora «Pupilas do Senhor Reitor» por não terem aparecido os da «fita», não obstante terem comparecido inúmeras pessoas, não só da localidade, como de várias freguesias visinhas, que a custo o Salão poderia conter, e que, por fim, tiveram de retirar já desanimadas e sem nada terem visto?

Chamamos para o caso a atenção de quem de direito.

— Num dos primeiros dias do mês, o digno presidente da Junta de freguesia de Caldelas (Taipas), oficiou ao sr. José de Oliveira, daquela localidade, para êste senhor fazer a entrega, à presidência da Junta, da presidência e direcção da «Cantina Escolar 28 de Maio», o que fez no dia 3 do corrente, visto não o ter feito voluntàriamente, a quando a sua demissão de presidente da Junta.

Briteiros, 21.

O tempo continua frio e muito chuvoso, pelo que os lavradores já não estão a ficar nada satisfeitos.

Ante-ontem, à tarde, pairou, sôbre esta região, um violento temporal, acompanhado de tremenda trovoada, faíscas e fortes bátegas de água, prolongando-se pela noite adiante, abatendo árvores e fazendo crescer os rios e ribeiros.

C.

S. Torcato, 23.

No domingo passado, após um aturado sofrimento, faleceu nesta estância o empregado comercial sr. José da Silva Carvalho, vítima da terrível tuberculose,

Era aqui muito estimado. Descanse em paz a sua alma.

— Procedente de Lisbôa e acompanhado de sua ex.ma espôsa, encontra-se nesta estância o nosso conterrâneo e amigo, sr. Valeriano Abreu Faria e Silva, importante proprietário da casa das Quintãis.

Cumprimentos.

— O grande temporal que tem assolado esta região, tem causado aqui enormes prejuízos nas habitações e nos arvoredos.

— Nesta e noutras freguesias limitrofes grassa com intensidade a gripe, estando retidas no leito, gravemente, algumas pessoas.

— Deu-nos a honra da sua visita a S. Torcato o nosso conterrâneo e amigo, sr. Alvaro Ribeiro de Faria, comerciante no Pôrto.

— Para a terra da sua naturalidade, em visita a sua ex.ma família, seguiu na segunda-feira passada o rev. abade desta freguesia, sr. Henrique José Gonçalves Pereira.

— Na segunda-feira passada, de noite, alguns indivíduos desta freguesia, regressando dum julgamento da cidade e como viessem em cânticos apimentados, saíu-lhes ao caminho, próximo da Corredoura, um sujeito desconhecido, armado dum estadulho, que em breve os reduziu a silêncio, indo alguns componentes em seguida receber curativo ao facultativo de S. Torcato.

C.

O FUTURO NÃO ASSUSTA NINGUÉM

Inscrevendo-se sócio do **Montepio «A REFORMA»**, com sede na Rua Alexandre Braga, 114 — PORTO,

ASSEGURA O SEU FUTURO E O DOS SEUS

Com uma insignificante cota, os associados ficam com direito:

Pensão de reforma até 450$00, mensais — Pensão a herdeiros até 150$00, mensais — Pensão de inabilidade até 360$00, mensais — Subsídios únicos até 1.500$00, e Subsídio para funeral de 1.000$00 a 25 000$00

Podem inscrever-se os indivíduos de ambos os sexos, desde 16 a 50 anos

Até 31 de Dezembro de 1934 foram pagos os seguintes encargos: Pensões de reforma, 863.735$96; Pensões de inabilidade, 42.668$40; Pensões a herdeiros, 151.263$80, e subsídios únicos, 38.960$00

Os subsídios que êste Montepio concede, não podem ser penhorados nem arrestados (Art. 21.º do Decreto-lei 19.281).

Indique-nos, num simples postal, a sua idade e a pensão ou legado que pretende, ou ainda quaisquer outros esclarecimentos, e, na volta do correio, prestar-lhe-emos tôdas as indicações

AGENTE — Rafael Pereira Lopes.

Rua Dr. António da Mota Prego — GUIMARÃIS

(3)

O Alvorecer do jornalismo...

I

O jornalismo português atingiu, sem dúvida, no século XIX, uma expansão formidável, digna de admiração e registo.

Não houve por assim dizer coisa alguma que o jornal não versasse, e assim conseguiu abordar os vastos domínios da arte, das questões sociais, da política e da ciência, tornando-se um valioso instrumento de progresso e de renovação mental e moral. Mas incontestàvelmente ao jornal somos devedores da divulgação da literatura, quer pelo seu prêço extremamente reduzido, quer pela sua actualidade, que na verdade era considerável. Com tôdas as suas imperfeições e deficiências, o jornal foi o mais prestimoso elemento de combate no século XIX e um agente magnífico da difusão das grandes ideias literárias. Houve uma época em Portugal, tam conhecida de todos, na qual o jornal marcou o seu indiscutível valor, tornando-se importante e até imprescindível — foi depois da implantação do liberalismo. E na imprensa, lá vamos encontrar, aliás com grande regosijo, vultos como Alexandre Herculano, um dos maiores historiadores da humanidade, António Feliciano de Castilho, correcto na sua metrificação purissima, Almeida Garrett, o admirável autor do célebre drama o «Frei Luís de Sousa», e tantos outros de não inferior valor e de quem boas provas temos.

Como não pode causar extranheza, alguns aproximaram-se do jornalismo para defenderem o seu ideal político; outros por serem excelentes literatos; outros como mero passa-tempo, e a maior parte como modo de vida.

Mas há a descriminar entre a grandiosa multidão, aqueles que ao jornalismo se entregaram de alma e coração, com invulgar interêsse e arreigada amizade.

Surge em primeiro lugar, não em escala cronológica, o nome de *Teixeira de Vasconcelos*, que representa um dêsses desinteressados, um dêsses eminentes jornalistas, o fundador da «Gazeta de Portugal» e do «Jornal da Noite». Mas não nos limitamos a citar Teixeira de Vasconcelos, como jornalista, não por ser pouco, mas porque a sua carreira literária vai mais àlém.

Isso seria ingratidão da nossa parte, palavra horrível e particularmente cruel e sombria, se se trata como agora, de fazer referência a um homem como êste, dotado de rara inteligência e poder crítico.

Foi também um valioso romancista, correcto na forma e excelente nas ideias, sempre repassadas da mais pura sobriedade e clareza.

«Lição de Mestre», «Ermida de Castromino», «Prato de arroz dôce», «Viagens na terra alheia», são primorosos romances, e ainda hoje se lêm sem aquele tédio, que largamente nos proporcionam alguns escritores do presente século, ou nada de novo nos transmitindo, ou então bebendo as melhores lições nos escritores do século XIX, a que inconscientemente chamam o *século estúpido*. Este ponto, nas bases em que assenta, levar-nos-ia a largas considerações, o que desprezamos por não estarem conformes com o nosso programa, e que em boa lógica iria talvez ferir personalidades, por quem temos a mais subida consideração.

Continuando. Os «Contemporâneos», magnífica obra escrita na suave e harmónica língua francesa, reveladora de vastos conhecimentos da parte do autor, merece o nosso pouco autorizado aplauso, pois o seu êxito foi extremamente grandioso, não só em Portugal, mas até mesmo em França.

Coímbra, 1936.

Domingos Gomes.

Do livro a publicar:
"A carreira política de Rodrigues Sampaio„.

CASA DOS POBRES
GUIMARÃIS

ASSEMBLEIA GERAL

Para dar cumprimento ao art.º 11.º dos estatutos (aprovação do relatório e contas da Direcção, relativas ao ano findo) e proceder-se à eleição de dois Directores substitutos, são convocados, por ordem do Sr. Presidente da Direcção, todos os Senhores sócios subscritores para reünir em Assembleia Geral, no próximo dia 30 do corrente, pelas 21 horas, na sede desta Instituïção.

Não havendo número legal, é feita nova convocação para o mesmo local e para a mesma hora do dia imediato.

Guimarãis e Secretaria da Casa dos Pobres, 20 de Janeiro de 1936.

O Secretário da Direcção,

a) *P.e Augusto José Borges de Sá.*

Arrematação
1.ª praça

No dia 9 do mês de Fevereiro, pelas 12 horas, à porta do tribunal judicial desta comarca, situado à rua do Gravador Molarinho, tem de proceder-se à arrematação em hasta pública para serem entregues a quem mais oferecer acima da sua avaliação, dos seguintes bens imobiliários penhorados aos executados D. Maria Amélia de Freitas Aguiar Vieira e marido, de S. Martinho de Conde, na execução por custas e sêlos que lhes move o Ministério Público, a saber:

Duas leiras do Poço, que hoje constituem uma só leira chamada da Sorte da Vinha, na freguesia de S. Martinho de Conde, descrita na conservatória sob o N.º 39.418, avaliada em Esc. 300$00.

A leira dos Pinheiros, sita no lugar de Tresmonde, freguesia de Moreira de Cónegos, descrita na conservatória sob o N.º 39.419, avaliada em Esc. 2.500$00.

A leira da Junqueira, situada na freguesia de S. Martinho de Conde, descrita na conservatória sob o N.º 39.420, avaliada em Esc. 500$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos dos executados e especialmente os representantes dos crédores falecidos: Pedro de Sousa Guedes Aguiar e mulher D. Maria Antónia de Freitas Melo e Castro, e seus irmãos e irmãs Cónegos Joaquim de Sousa Guedes Aguiar e Domingos de Sousa Guedes Aguiar, D. Emília de Sousa Guedes Aguiar e D. Rita de Sousa Guedes Aguiar, êstes pela quantia de 12.573$00, — José Gil Vieira, pela quantia de 4.955$32,5, — António José Ferreira Caldas, pela quantia de 1.237$20, — e D. Josefa Emília do Nascimento Leite, pela quantia de 2.000$00.

Todos êstes referidos credores falecidos foram desta cidade e a favôr dêles existem registos de hipoteca e penhora sôbre os prédios a arrematar.

Guimarãis, 17 de Janeiro de 1936.

O Chefe interino da 1.ª Secção,

Euripedes Eleazar de Brito.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
substituto,

(34) *João Aires.*

PELA CÂMARA

Em sua sessão de 23 a C. A. tomou as seguintes deliberações: exarar na acta um voto de pezar pelo falecimento do Rei Jorge V da Inglaterra; autorizar o sr. presidente a outorgar na escritura de cessão de 270 metros quadrados de terreno desnecessário aos usos do municipio, sito na rua D. João I, desta cidade, arrematado por D. Maria Mendes da Silva Oliveira, desta cidade, pela quantia de 1.337$50, em sessão de 9 de Janeiro, como consta do respectivo auto de arrematação.

A Câmara devidamente informada do estado e rendimento de três pequenas casas, sendo uma sobradada, sitas na rua França Borges desta cidade, pertencentes a António Marques Pereira e sua espôsa Adelaide das Dôres Pereira, resolveu atribuír-lhes o valor de 10.000$00 e idêntico valor à casa n.º 12 do Bairro Municipal, sito na rua Capitão Alfredo Guimarãis, que, de harmonia com a deliberação tomada em sessão de 19 de Dezembro do ano findo, vai permutar com as três pequenas casas acima referidas, resolvendo autorizar o sr. Presidente a outorgar a respectiva escritura.

Empréstimo de 500 contos. A C. A. tomou conhecimento de se ter celebrado a escritura do empréstimo de 500 contos, parte correspondente à Câmara, para a construção do Bairro Económico, e de que a referida quantia se acha depositada à Ordem do Instituto Nacional de Trabalho.

Outras deliberações. Autorizou o pagamento de 10.000$00 a João António da Silva Guimarãis, por conta da obra de construção das retretes e fossa céptica do Liceu Martins Sarmento, desta cidade. Abrir concurso para o fornecimento de artigos para expediente da secretaria e repartições municipais, durante o ano de 1936, por propostas em carta fechada, nas condições do respectivo caderno de encargos; encarregar a casa Alberto Pimenta Machado da construção de um guarda-vento com dobradiças de mola, na Tesouraria de Finanças com vidros e colocação, por 600$00.

Vendem-se Duas sortes terra de mato com pinheiros, no monte da Portela, muito perto da estrada de Guimarãis a Fafe.

Informa o solicitador Pimenta. (31.

Aluga-se Uma espaçosa loja, bem situada. Nesta redacção se diz. (32)

Lêde e assinai o «Notícias de Guimarãis»

EXUMAÇÕES DO PASSADO
(Quadros sinópticos da História Vimaranense)

As antigas Irmandades

I

A religiosidade dos vimaranenses é um facto incontroverso através de todos os tempos.

Para não remontar a mais afastada antiguidade, basta dizer se que há mais de 200 anos só dentro da cidade vigoravam mais de 60 irmandades e confrarias — segundo uma lista que encontramos — algumas das quais ainda hoje subsistem.

Muitas delas foram fintadas e contribuíram pecuniàriamente para auxílio das despesas feitas com a estrada que de Guimarãis seguiu para o Pôrto, por determinação régia. Não vão indicadas, na maioria delas, as datas nem outras informações por que não nos foi possível saber-las, atendendo a que organizamos a lista em face da subscrição com que cada uma concorreu para aquele fim e pôrtanto com dados muito insuficientes.

Das *almas* com 201 irmãos solteiros e eclesiásticos erecta em S. Paio que deu 1.460.000 reis.

De *Santo António dos Milagres* erecta no convento de S. Francisco. Era assim denominada por causa de, em certa ocasião de uma festividade religiosa, um ladrão — que pretendeu roubar uma lâmpada que adornava o altar do mesmo santo — ter ficado com uma perna partida ao transpôr uma porta para fugir, depois de despegar a rêde que a vedava. Tal facto deu origem a pomposas festas, procissão com cavalhadas e touros à mistura. A dita imagem encontrava-se à veneração no convento de Santo António dos Capuchos quando ali se deu o referido acontecimento, mas depois por motivo de no mesmo convento se ter instalado o hospital da Misericórdia, passou para a igreja de S. Francisco juntamente com a sua irmandade. Outra *irmandade de Santo António*, fundada na igreja de S. Paio, que tinha 195 irmãos cuja receita era de 605$180 reis, que deu 80$000 reis para custeio da estrada. Do *Anjo da Guarda* com 115 irmãos e cuja receita era de 172$00 reis. Outra da mesma designação instalada na igreja do Castelo em 1529. Esta irmandade tinha alguns foros cujos rendimentos se empregavam na manutenção do pequeno hospital que havia fronteiro à porta principal da igreja para 5 velhos e entrevados, pois para tantos eram as acomodações. Era seu administrador o abade da igreja e freguesia do Castelo. O que sobrava dos gastos era aplicado em missas cantadas e resadas pelos irmãos benfeitores. Os pobres recebiam um vintém no dia de Natal e uma carrada de lenha para a respectiva noite. O tesoureiro da irmandade, que cobrava os foros, era eleito a beneplácito do provedor da comarca.

De *Sant'Ana* com 205 irmãos que contribuíu com trezentos mil reis.

Do *Amor Divino* com 302 irmãos, cujo capital era de 1.200$890 reis que deu 250$000. De *S. Crispim* na capela do mesmo nome, com 120 irmãos que deu 30$000 reis. Do *Cordão* com 195 irmãos. A confraria do Cordão teve origem no convento de Assis, em Itália, criada pelo Papa Sixto V, em 12 de Abril de 1585 pela bula *Ex supernas dispositiones*. Esta irmandade sustentava em Guimarãis um pequeno hospital criado por Lucas Rebelo, abade de Santa Comba com a obrigação de curar os pobres da mesma freguesia e repartir por êles 40 alqueires (rasas) de pão celebrando-se diàriamente uma missa por alma do instituídor, dando-se 30$000 reis anualmente aos pobres de S. Francisco e dois dotes de 40$000 reis a outras tantas órfãs. Esta irmandade deu 600$00 reis para a estrada. Do *Menino Deus* com 306 irmãos erecta na igreja de S. Paio. Outra da *mesma invocação* fundada na igreja de S. Miguel do Castelo. De *Santa Catarina* com 87 irmãos, cujo capital era de 190$60 reis. De *Santo Eloi* com 150 irmãos. De *Santa Cruz* com 185 irmãos, cujo capital era de 1.590$500 reis que deu 185$000 reis. Do *Corpo Santo* que era constituída por mercadores deu 200$000 reis e tinha 200 irmãos. Do *S. Sebastião* com 135 irmãos. De *Santa Vera Cruz* com 137 irmãos. De *Santo Homem Bom*, com 192 irmãos, instalada na igreja de S. Paio. De *S. Pedro* com 208 irmãos que nada deu porque estava principiando a construção da sua igreja, pois dispunha do capital de 11.280$000 reis. De *S. Gonçalo* com 415 irmãos, erecta na igreja do convento de S. Domingos e tinha o rendimento de 2.428$240 reis. De *S. João Baptista* formada pelos oficiais do ofício de bainheiro e fiteiro que em 1785 pediu a confirmação dos seus estatutos. Nesta irmandade não podiam ser admitidas pessoas que desempenhassem ofícios vis, sendo obrigadas as que nesta irmandade se inscrevessem a especificar no acto aqueles que exerciam.

O corregedor, sendo ouvido àcêrca da confirmação dos estatutos, respondeu que eram dignos de serem atendidos porque tal petição envolvia grande auto e veneração pelo padroeiro da irmandade — S. João Baptista. A Mesa do Desembargo do Paço foi de parecer que aquela confirmação lhes fôsse concedida sob a clausula porém de que nenhum capítulo novo se podia acrescentar aos estatutos ou compromisso para ter a aprovação por um alvará, datado de 6 de Fevereiro de 1876, e assinado em Salvaterra de Magos. A imagem do orago da irmandade esteve primeiramente guardada em casa do juíz respectivo, passando depois para a sua sede — S. Domingos — por não estar ali onde estivera com a veneração devida. Da *Sagrada Família* (S. José, Menino Jesus e Nossa Senhora) erecta na igreja de S. Dâmaso e era formada pelos carpinteiros. De *S. José* com 103 irmãos, que se compunha de um juíz, um secretário, um tesoureiro, um procurador e 2 mordomos, sendo um da cêra e possuía de capital 5.230$890 reis, tendo dado 400$000 reis para coadjuvação das despesas da estrada. Do *Senhor Jesus*, com 327 irmãos, instalada na igreja de S. Domingos, que deu 260$000 reis. Do *Serviço de Santa Maria* que era formada pelos tabeliães. De *Nossa Senhora d'Agonia* com 195 irmãos tendo 845$730 reis de capital. Quem deu a imagem da sua Padroeira determinou que ela fôsse recebida em procissão solene. O D. Prior ordenou que assim se fizesse sob pena de 24 cruzados de multa e 20 dias de cadeia. O Cabido protestou e a questão foi levada à Relação eclesiástica de Braga para resolver.

(Continua).

P.e Alberto Gonçalves.